

O corpo pulsa e eu pulso com ele: concepções de jovens sobre o corpo e sobre a Educação Física¹

Neuza Marcia Magnus de Oliveira²

Resumo

O presente artigo tem como finalidade demonstrar o entendimento que tem os jovens sobre corpo e corporeidade em sua formação integral enquanto processo integrante do desenvolvimento humano. O estudo foi realizado com alunos do ensino Médio do Colégio Estadual Agrícola Daniel de Oliveira Paiva no município de Cachoeirinha. Baseado em uma pesquisa de abordagem qualitativa onde se utilizou a entrevista aberta e também questionário como instrumentos metodológicos. O intuito não é responder ou simplesmente investigar o que é corporeidade, mas sim, compreendê-la como uma prática que se apresenta de diversas maneiras, provocando reflexões sobre a formação da identidade e o reconhecimento das diferenças, num contexto marcado pelas relações conflituosas de significados sociais. O pressuposto teórico que embasou a pesquisa foi fundamentado em conceitos sobre corpo, corporeidade, juventude tendo a Educação Física como mediadora dessa discussão. Estabeleceu-se através da pesquisa um diálogo entre estes componentes, a partir da qual, juntamente com a análise dos instrumentos, foi possível identificar a relevância deste conteúdo no processo de formação humana desses jovens e constatar a necessidade de um projeto maior a fim de aprofundar os estudos relativos à corporeidade e ampliar a contribuição aos indivíduos estudados. Trata-se, portanto, de um conjunto de respostas que se configuram a partir do olhar de uma profissional da Educação Física e um grupo de jovens do Ensino Médio de uma escola pública.

Palavras-chave: Educação Física. Corpo. Corporeidade. Juventudes.

Introdução

A contribuição da Educação Física nas propostas de educação integral, através do conhecimento, experimentação e valorização da corporeidade no contexto escolar é o tema da pesquisa que originou este artigo. Neste trabalho foi possível investigar qual a concepção de corpo tem o jovem e como ele vivencia esta concepção no cotidiano

¹ Artigo final referente ao Curso de Especialização em Educação Integral na Escola Contemporânea: ênfase na abordagem teórico-metodológica Trajetórias Criativas.

² Professora de Educação Física, pós-graduanda em Educação Integral na Escola Contemporânea. E-mail: neuzamagnus@gmail.com.br

escolar, tendo como fundamento básico o pulsar de seu corpo, numa perspectiva interativa dele com ele mesmo, com o outro e com o seu meio.

Na escola é possível identificarmos diferentes concepções de corpo, construídas ao longo da história da humanidade e da escolarização, que influenciam, não somente a prática pedagógica dos professores, mas também e, principalmente, a concepção de corpo dos alunos. Para que essa compreensão fosse discutida e entendida dentro dos espaços escolares, pensei ser necessário investigar como os jovens compreendem e vivenciam seu corpo nas relações sociais tendo como base referencial a Educação Física, visto que toda essa discussão passa pelo movimento humano, objeto de estudo da disciplina.

Temos um corpo vivo que precisa ser entendido e desmistificado, para que o mesmo se desprenda dos conceitos e barreiras a ele imposto ao longo dos tempos. Precisamos ver no corpo um grande coração que pulsa, nos levando a entender o mundo de uma forma dinâmica que precisa do movimento para interagir e recriar as inúmeras possibilidades que a vida oferece.

Analisar a importância da vivência da corporeidade na formação do jovem estudante por meio da pesquisa realizada e das indagações que trago ao longo da minha vivência profissional através da disciplina que atuo, foi fundamental para construir esse ensaio. Através dela pude me perceber também como um ser corpóreo que sente-se enquanto corpo e atua com outros corpos, criando relações de afeto de comunicação a partir desse entendimento – “a Corporeidade é a compreensão da consciência e da existência do eu.”(SANTIN, 1987, pag.85)

Defendo a importância social deste saber corpóreo e por isso valorizo sua compreensão e experimentação qualificada dentro dos espaços escolares. Convivemos com uma diversidade de maneiras de pensar e viver o corpo que influenciam profundamente as relações sociais e particularmente as relações de aprendizagem.

Aproximar-se do conceito de corporeidade é, em certo sentido, vivenciar possibilidades e conhecer-se como ser complexo e único no mundo. Ou seja, um indivíduo que é “o único capaz de testemunhar sua própria experiência, mergulhado na complexa rede de inter-relações a partir da qual constrói sua vivência singular” (FREITAS, 2004, pag.51).

É necessário compreendermos a importância das relações, das trocas onde o corpo, nosso instrumento material de contato, interaja com outros corpos com outras singularidades para dar continuidade a existência humana onde precisamos uns dos outros para formar a rede que liga toda humanidade. É vivenciando esta corporeidade, de forma significativa e participativa, que o homem interage com o mundo, contribuindo para o seu próprio desenvolvimento, assim como de toda sociedade.

A Educação Física surge, ela própria, como um sentido para a vida onde compreender e se reconhecer como corpo, requer um contato com outros corpos. Dessa forma, Santin (1987), através de suas palavras, nos convoca a refletir sobre este novo olhar sobre a disciplina:

A Educação Física, enquanto integrante do processo de desenvolvimento humano, lida diretamente com este corpo, com seus contextos, seus desejos, anseios, alegrias, tristezas, transformações, egos, e, por conseguinte, suas relações, fomentando os indivíduos a viverem e sentirem-se corporalmente. (SANTIN,1987. Pag.85)

Nessa perspectiva, justifico o presente artigo, como uma possível contribuição para a reflexão compartilhada em torno das práticas pedagógicas, onde penso ter o corpo um papel fundamental nesta construção.

Educação Física, corporeidade e implicações pedagógicas

A Educação Física no currículo escolar

A Educação Física surge na Europa do século XIX. Passa a ter um papel fundamental na sociedade que se estruturava naquela época, onde o estado burguês e de sociedade do capital havia se consolidado. A noção de corpo era pautada exclusivamente numa dimensão anátomo-fisiológica, integrada ao discurso médico-higienista.

No Brasil, a história da Educação Física, em muitos momentos, se confunde com a história militar. Durante o século XIX, e início do século XX, segundo Castellani Filho (1988), foram fundadas muitas escolas para a preparação militar, que introduziram, estruturaram e difundiram os métodos ginásticos, onde algumas dessas originaram posteriormente, às Escolas de Educação Física.

Conforme Breunig (2010) é este cenário que legitima a Educação Física, enquanto disciplina nos espaços escolares brasileiros. Chamada naquele período como “ginástica” passa, então, a ser incorporada no ambiente escolar a partir das reformas educacionais do ano de 1894, tornando-se obrigatória nos programas curriculares.

Até o final do século passado, a Educação Física brasileira foi relativamente consolidada como profissão, mas com um grave problema de legitimidade. Segundo Bragrichesky (2007), o impasse ocorreu em função das profundas marcas, que ainda perduram, de uma histórica herança conservadora, onde seu papel sempre esteve ligado à defesa de um nacionalismo que atendia interesses militares e de uma parcela da sociedade economicamente privilegiada.

O movimento renovador, surgido na década de 80, produziu muitas críticas às bases sociais, políticas e epistemológicas na área, pondo em questão o padrão vigente da época, ou seja, o paradigma da aptidão física. Com o surgimento de uma *escola nova*, a

Educação Física vem então caracterizada sobre outra base antropológica, onde o professor insere-se na didática do espontâneo, cabendo a ela apenas auxiliar as outras disciplinas.

Posteriormente insere-se na visão romântica dos Jogos Olímpicos, retomando a ideia do ideal grego, em que os atletas eram visto como almas privilegiadas pelos deuses, onde a disciplina exercia apenas o papel de auxiliar dessas crianças especiais a se tornarem aquilo para o qual nasceram, reforçando, naturalmente, as ideias classistas.

Conforme vimos até agora, a Educação Física fundamenta-se em práticas e conceitos construídos através dos tempos e mantêm relação com as diferentes concepções de corpo construídas ao longo da história da humanidade. Essa importante heterogeneidade deve ser expressa quando nos propomos a contar a história do corpo.

Pensando nesta prática pedagógica, é fundamental considerar a noção histórica progressiva da Cultura Corporal do movimento, demonstrando que os movimentos corporais foram desenvolvidos à medida que as necessidades foram surgindo e, por isso, uma intervenção dialética, criativa e de acordo com o contexto de cada grupo ou indivíduo, é essencial para a Educação Física. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pag.50).

A Educação Física se caracterizou neste estudo, um componente a dar o suporte ao conteúdo abordado, buscando através do saber produzido e sistematizado na prática social dos homens ao longo de sua história, compreender as impressões que marcaram os corpos dos seres humanos através dos aspectos socioculturais de diferentes momentos históricos, tendo ainda a percepção das alterações nos seus próprios corpos. Com isso contribuíram no processo de intervenção, elaboração, reelaboração e reconstrução da corporeidade através das novas impressões corporais adquiridas através dos tempos.

Corporeidade e implicações pedagógicas

O termo Corporeidade diz respeito à essência ou à natureza dos corpos ou dos estados corporais, relacionando-se a tudo que preencha o espaço e se movimente, mas que, ao mesmo tempo, situe o homem como um ser no mundo. Ela é a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional manifestando uma pluralidade de relações, que são fundamentais para a educação.

Dessa forma, aprendizagem e corporeidade se interligam através de uma lógica recursiva. Os gestos, por terem um sentido histórico, considerados bio culturais, acabam expressando a nossa própria vida individual e coletiva. A intencionalidade dos gestos expressa uma maneira única de existir no ato do momento vivido.

Neste sentido, Assmann (1995, pag.106) faz uma grande contribuição quando afirma que a "corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal".

Os canais de comunicação não verbais, no que diz respeito às relações interpessoais, são muitas vezes mais influenciados do que os verbais, sendo mais exatos do que as palavras. Conseguimos transmitir o que pensamos para os outros por meio do olhar, do sorriso, dos gestos, do toque e às vezes nem percebemos. Isso acaba revelando que o corpo se comunica, ou seja, o corpo fala. Mesmo em silêncio, mesmo sem as palavras. Isso é uma linguagem não verbal do corpo. Portanto, "não há uma palavra, um gesto humano, mesmo distraídos ou habituais, que não tenham significação" (MERLEAU-PONTY, 1999, pág. 371).

Nesta perspectiva de totalidade, em que o aluno é o seu corpo, historicamente produzido e que se movimenta intencionalmente e significativamente, deve ser ponto de partida para a reflexão, interferindo no processo educativo. Sendo assim o tema da Corporeidade torna-se de suma importância como auxílio na formação do indivíduo enquanto ser-no-mundo.

Portanto, concordo com Gonçalves (1994) quando diz que a Educação Física escolar tem um papel importante nessa trajetória, pois sua prática pode levar o aluno a ter uma maior liberdade subjetiva, ampliando suas experiências e consequentemente desenvolvendo a consciência crítica e o sentido de responsabilidade social. Afinal compreender e vivenciar a corporeidade são um dos seus princípios fundamentais.

Corpos em relação: as interações com o corpo do outro

Compreender o corpo na perspectiva da corporeidade é perceber que o mesmo possui uma singularidade própria, que somente se entende na convivência com outros corpos. É possível também, pensar o corpo em sua realidade paradoxal de objeto e sujeito da existência.

Assim, a corporeidade desvela o corpo em sua essência existencial complexa, restituindo a este, a sua capacidade de gerar conhecimento, de reconhecer-se como sujeito da percepção, sendo ao mesmo tempo objeto percebido por outros corpos, numa época (século XX) em que a predominância do racionalismo ainda se faz presente. (PORPINO, 2006, p. 63).

Imagem corporal, autoconhecimento e conhecimento de si, são construídos na experiência vivida, na relação com o outro, na ação no mundo. Esses três aspectos do desenvolvimento humano participam da construção da consciência corpórea, que ocorre na medida em que há interação do sujeito com o outro e com o meio através do movimento.

Dentro da disciplina de Educação Física, o jogo possui um papel preponderante no desenvolvimento dos alunos. Ele traz a complexidade das relações, das disputas e da solidariedade, os aspectos individuais e o aprendizado da participação em equipe e as práticas de convivência. Nesta relação ele aprende a colaborar, repartir, ceder, expor suas ideias e compartilhar suas experiências de maneira lúdica.

Considero, portanto uma importante contribuição para o autoconhecimento e para a compreensão do sujeito construído na interação, estabelecendo, via movimento experimentado e vivido, correlações cognitivas. É nesse fluxo, penso eu, que se dá à formação de corpo inteiro.

Os jovens e sua corporeidade

Existem hoje diversas áreas do conhecimento que se dedicam a estudar à temática da juventude sob vários aspectos, tais como, social, cultural, psicológico, entre outros. Cada grupo dentro do seu campo científico e determinado referencial teórico.

Compreende-la a partir desses conceitos, ou seja, do seu lugar no mundo, torna-se uma necessidade fundamental que devemos considerar para entender os jovens como sujeitos sociais, frutos de um processo histórico.

A juventude de hoje cresce, convive e se molda baseada em valores ligados ao mercado, à mercantilização da natureza, da vida, do corpo, e dos símbolos. É no corpo que acabam buscando uma identidade. É nesse momento que eles marcam e são marcados pela corporeidade e pelo lugar em que vivem. São no corpo que ficam gravados todos os seus desejos, percepção de mundo, fazendo dele o registro histórico de todas suas fases na vida.

Segundo Silva (2001), a evidência do corpo nos dias de hoje, ao invés de suscitar compreender o significado da corporeidade na formação do sujeito, vem evidenciando a sua banalização com base na noção de que, pertencente ao domínio da natureza, a dimensão corporal é algo pouco complexo ou importante no contexto da vida social. Para ele, o corpo, quando se pensa nos jovens, é objeto de um culto de base narcisista enaltecido pela supervalorização de práticas corporal, alimentação, vestuário, entre outros. Os jovens tendem a consumir tudo o que possa satisfazer seus desejos, na ilusão de ter determinado tipo de corpo.

Baseados nesse contexto, as ideias de juventude, beleza e felicidade, estão intimamente ligadas a cultura corporal seguindo os padrões éticos e estéticos coerentes com o modelo social vigente. É através do corpo que todos se apresentam à sociedade, à família, aos amigos, aos afetos, à sexualidade, enfim, se colocam e se posicionam no mundo. É pelo seu corpo que ele existe e integra-se no mundo.

Cabe aqui salientar que a corporeidade também é uma realidade mutante que varia conforme a sociedade em que se insere.

As relações que se tem com o próprio corpo e com o corpo do outro, além da sua definição própria, são infinitamente variáveis em seus usos na vida cotidiana, ou seja, a forma de agir do jovem em relação a seu corpo é determinada pelo seu envolvimento com seu grupo, podendo marcar diferenciação de agrupamentos históricos e sociais.

É necessário conceber os jovens como sujeitos em transição e em constantes mutações, e que estão em um processo de construção enquanto sujeito.

(...) juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudanças, todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado para bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumam como parte de sua personalidade em muitos estágios de vida. (Mitterauer, 1986; Ziehe, 1991)

Dessa forma, a Educação Física se incorpora nessa busca, possibilitando através da sua prática consciente, a construção dessa identidade corporal.

Encontros e (des) encontros da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com jovens estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Agrícola Daniel de Oliveira Paiva no município de Cachoeirinha, no estado do Rio Grande do Sul.

Do ponto de vista do desenvolvimento da pesquisa, nem tudo acontece como se imagina ou planeja, por isso, faço aqui um pequeno relato de como as coisas aconteceram de fato, provocando, inclusive mudanças com relação ao projeto de pesquisa. Num primeiro momento tinha pensado em realizar uma entrevista aberta com apenas oito alunos onde pensei poder aproveitar melhor as respostas que estivessem relacionadas com os objetivos da pesquisa.

De início, me deparei com a dificuldade de escolher os alunos, pois eram tantos e imaginava que todos estariam aptos para responder. No entanto, no decorrer das mesmas, fiquei um tanto decepcionada com a falta de entusiasmo dos escolhidos. Quase ninguém queria muito falar abertamente sobre um assunto, que segundo eles, não possuíam muito conhecimento. Por mais que eu tenha tentado deixar o ambiente bem tranquilo e descontraído, senti que os resultados foram bem aquém do que esperava. A maioria apresentava dificuldade em construir frases que dessem nexos ao que pensavam.

Diante desta dificuldade, optei por realizar um questionário com seis questões, que tinham como base as mesmas que tinham sido formuladas para as entrevistas, conforme podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Questionário aplicado junto aos estudantes.

- *O que é o corpo para você?
- * Como você entende e cuida do seu corpo?
- *Teu corpo te representa?
- *As aulas de Educação Física contribuem para você entender teu corpo e o corpo do outro?
- *Se você pudesse mudar alguma coisa nas aulas de educação Física , você mudaria o que?
- * Você acha que teria diferença na escola se não tivesse aulas de Educação Física?

Para responderem ao questionário, convidei duas turmas do ensino médio, expliquei a proposta e deixei livre para quem quisesse responder. As turmas foram bem receptivas e consegui reunir 23 questionários respondidos, onde juntamente com as entrevistas, compilei as respostas mais significativas para o problema central da pesquisa.

Os jovens, os corpos pulsantes e a Educação Física

A palavra corpo é tão frequente no contexto da vida moderna, principalmente entre os jovens, que aparentemente todos compreendem seu significado. Mas o que percebi é que a sociedade continua alienada em relação a sua corporeidade e os jovens, apesar de ser o grupo que mais explora o corpo, infelizmente, são as grandes vítimas neste processo. Buscam construir uma identidade baseada em conceitos difusos sobre seu próprio corpo.

Penso ser importante reforçarmos a ideia apresentada tão claramente na fala de Gallo (1998, pag.61 a 68) que diz: “O corpo não é aquilo que vemos, mas aquilo que somos. Cada corpo se completa com outros corpos.”

Para melhor visualização, análise e interpretação dos dados, as falas e os questionários foram organizadas em dois blocos: “Juventudes e concepções de corpo”, que contempla os três primeiros questionamentos; e “Educação Física e Corporeidade”, que contempla os outros três.

Juventudes e concepções de corpo

No primeiro bloco, que corresponde à Tabela 1, foram contemplados os questionamentos que tratam sobre as concepções de corpo, os cuidados com o corpo e a

representatividade do corpo para si. Na tabela foram apontadas as principais falas dos jovens sobre os temas, seguidas de comentários analíticos sobre os mesmos.

Tabela 1 – Juventudes e concepções de corpo

QUESTIONAMENTOS	FALAS	COMENTÁRIOS
O que é corpo para você?	<p>“... é massa espiritual ou carnal, tudo que tem presença.” (André, 3º EM)</p> <p>“... é coisa sagrada, o templo de cada pessoa, ou seja, a parte física que me representa e exprime o que sou.” (Luiza, 2º EM)</p> <p>“É uma ferramenta, uma máquina que nos move e pela qual executamos ações.” (Gustavo, 2º ano EM)</p> <p>”É uma máquina onde tudo acontece, emoção sentimento, permitindo fazer as coisas que se gosta e também a se relacionar melhor com o outro.” (Paola, 3º ano EM)</p> <p>“Máquina que eu controlo e que obedecem minhas vontades.” (Jonas, 2º ano EM)</p> <p>“Um instrumento que serve para trabalhar e me dar prazer”. (Pedro, 3º ano EM)</p> <p>“É o que a gente enxerga no espelho como instrumento de desejo, gostando ou não...” (Julia, 3º EM)</p> <p>“... é o que uso para me comunicar tanto verbalmente quanto corporalmente, ele é o meu cartão de visita...” (Anal 3º ano EM)</p>	<p>A maioria dos alunos respondeu que veem o corpo como uma massa que carrega um espírito que o faz mover-se e interagir com o mundo. Referem-se ao corpo como a morada da alma como um representante do espírito, ou seja, continuam caracterizando o dualismo corpo e mente, mesmo que as vezes, com um caráter de satisfação de desejos. Ou ainda, como uma máquina ou ferramenta que se utiliza para o movimento e também para atingir objetivos e executar ações. Em alguns momentos identificam a emoção misturada a estes conceitos, o que ameniza um pouco essa visão arcaica, revelando uma nova maneira, mais sensível, de ver e entender este corpo. Há ainda aqueles que o veem como meio de comunicação.</p>
Como você entende e cuida do seu corpo?	<p>“...entendo ele a partir do que expresso ou demonstro, ou seja, fome, dor, desejo, atitudes, sentimentos, humor. Um corpo que responde ao que penso e faço, sem esquecer da mente que é o que faz tudo</p>	<p>As respostas obtidas seguem praticamente a mesma linha de raciocínio, ou seja, continuam a entender o corpo dissociado da alma, com sentido de máquina,</p>

	<p>funcionar.” (André, 3º ano EM)</p> <p>“um corpo preguiçoso, sem cuidado que já foi mais saudável, quando eu cuidava dele melhor e fazia atividade física”. (Luiza, 2º ano EM)</p> <p>”... entendo meu corpo quando o observo, quando me toco e me sinto.” (Paola 3º ano EM)</p> <p>“Não gosto muito do meu corpo. Vejo-me muito magro, mas estou buscando melhorar, comecei academia e estou vendo algumas mudanças e estou me aceitando mais.” (Renan, 2º ano EM)</p> <p>“Eu entendo como um corpo péssimo me sinto pra baixo com ele pois eu sou gordinha apesar de ser ágil e ter bons reflexos. Sei que preciso emagrecer para ser mais bem vista.” (Nicole, 3ºano EM)</p> <p>“Meu corpo é diferente dos outros corpos, alias nenhum corpo é igual a outro. Acho que tenho um corpo feliz, cheio de positividade.” (Miguel, 2º ano EM)</p> <p>“Entendo como um brinquedo que se destrói e se concerta por si mesmo, mas se cuidado, a qualquer momento pode expressar ou revelar coisas fascinantes.”(Ana, 3º ano EM)</p> <p>“Perfeita aos olhos de Deus, mas talvez não aos meus....” (Michele, 3º ano EM)</p>	<p>Assim como o pensamento do sujeito contemporâneo, que vê no corpo um motivo da apresentação de si mesmo, há os que procuram explicar seu corpo através do seu estilo de vida ou mesmo do conceito que tem sobre um corpo saudável. Há também aqueles que o enxergam como um meio de comunicação representativo na sociedade</p> <p>Existem respostas que trazem algo muito pessoal, revelador, mostrando um jovem insatisfeito consigo mesmo, que busca sentir-se aceito e dentro dos padrões estéticos tidos como satisfatórios.</p> <p>Há também, aqueles que o compreendem através do movimento introspectivo, ou ainda os que deixam mensagem incógnitas dentro das suas respostas ora fugindo delas ou mesmo subjetivando intenções. Tem os ditos satisfeitos que lançam suas respostas num tom meio irônico e sagaz, ou também aqueles que pensam que, por ter um corpo, significa poder montá-lo e desmontá-lo conforme sua necessidade e/ou interesse.</p>
<p>Teu corpo te representa?</p>	<p>“Sim estou no meio entre o magro e o gordo, me alimento as vezes bem as vezes não, as vezes me exercito outras não...assim eu sou as vezes de um jeito e de outras de outro jeito.” (Fernando, 3º ano EM)</p> <p>“De uma maneira estética não</p>	<p>Percebi que a pergunta causou certo desconforto por parte dos alunos e deixou lacunas para muitas respostas. Alguns responderam de forma direta e rápida sem muito pensar outros acabaram</p>

	<p>pois sou mais pensante” (Saulo, 2º ano EM)</p> <p>“De certa forma, pois ele demonstra somente minhas emoções, poderia ser mais saudável, preciso emagrecer um pouco, na real não me sinto satisfeita com ele.” (Luiza, 2ºano EM)</p> <p>“Sim se eu tiver um corpo bom e limpo, mas não se eu tiver um corpo feio e sujo.” (Fernando, 3ºano EM)</p> <p>“Não, ele representa uma pessoa que não sou uma pessoa diferente, não gosto do meu corpo, não gosto de mim.” (Nicole , 3ºano EM)</p>	<p>citando suas próprias características físicas com validação de suas respostas ou mesmo suas emoções. Senti que o grupo ficou confuso, apesar da maioria responder positivamente, dizendo gostar do seu corpo e que ele o representava. Teve o grupo do mais ou mesmo que nem sempre se sente representado. Divide a representatividade em estética e emocional. Houve ainda uma resposta bastante intrigante que me fez refletir e recorrer a idade média, onde o corpo era considerado pecaminoso. Foram poucas as respostas negativas, mas uma chama bastante a atenção por expressar com muita veemência uma insatisfação geral consigo mesmo, o que com certeza, deve trazer graves consequências na construção da sua personalidade.</p>
--	--	--

Durante as entrevistas e também através dos questionários, pude notar que a concepção dos alunos com relação a ter ou ser um corpo foi, em sua maioria, voltada para tê-lo. Quando se realiza essa análise e interpretação nas falas, percebe-se uma possível dificuldade em entender o conceito de ser e de ter. Por isso, talvez, utilizam a indefinição como sendo o algo completo, o todo, mas que, na realidade, não distingue muito bem um conceito do outro. Muito comum esta confusão visto que desde pequenos vivemos com a ideia cartesiana, onde a existência é considerada apenas uma união de partes no espaço o que acaba refletindo nas pessoas a capacidade de subjetivar e refletir sobre as coisas.

Nas duas turmas trabalhadas, e nas entrevistas realizadas, observei que esta era a visão que predominava em relação ao conceito de corpo. É muito mais fácil ver o

corpo, ou mesmo transforma-lo em algo tangível, quando o concebemos como uma união de partes e, atualmente, é isso que tem importado, ou seja, a sua facilidade, objetividade, conformidade, comodidade e praticidade. Conforme Gonçalves:

Na sociedade ocidental cristã, cujo pensamento grego prevalece, o corpo aparece como uma sombra da alma, da consciência, do espírito. Vem desse período, por exemplo, a visão dualista de homem, separando-o em corpo e alma, além da valorização do pensamento em relação à intuição, da razão em relação ao sentimento e do universal em relação ao individual. (GONÇALVES, 1994, pag.145)

Daí, se pensar criticamente sobre o corpo na atualidade, é de fundamental importância. Entender como iniciou esse processo de desumanização e também como ele ainda tem força e espaço na sociedade atual, principalmente como forma de acumulação de capital, é no mínimo instigante para um estudo mais aprofundado.

Quando pensamos no corpo como instrumento de linguagem, identificamos o potencial que o mesmo exerce sobre a comunicação. Concordo com Gerth (1973), quando diz: “O uso da linguagem é um dos mais importantes mecanismos da conduta interpessoal, e a maior fonte de conhecimento a respeito de nós mesmos.” (GERTH; MILLS, 1973, p.96). Usamos essa comunicação em todos os momentos, pois, os códigos que expressamos através dos gestos, dos olhares e do próprio movimento são inúmeros e permite o tempo inteiro essa interação com o contexto no qual estamos inseridos.

Entender o que é corpo, não é a mesma coisa que vivenciá-lo como tal, portanto é importante que o profissional da Educação Física seja capaz de buscar em seus alunos este corpo pleno, que pensa, sente, age e é responsável por sua existência participativa, criativa e significativa neste mundo. Que proporcione ao aluno vivências corporais que desmistifiquem a ideia de corpo máquina que se liga ou desliga apenas num apertar de botões.

Educações Física e Corporeidade

No segundo bloco, que corresponde à Tabela 2, foram contemplados os questionamentos que tratam sobre a contribuição da Educação Física para o entendimento do seu corpo e o corpo do outro, o que seria necessário modificar nas aulas para que elas se tornem mais significativas e também qual a sua importância dentro do espaço escolar. Na tabela foram apontadas as principais falas dos jovens sobre os temas, seguidas de comentários analíticos sobre os mesmos.

Tabela 2 – Educação Física e Corporeidade

QUESTIONAMENTOS	FALAS	COMENTÁRIOS
As aulas de Educação	“Sim a gente aprende a	A grande maioria

<p>Física contribuem para você entender teu corpo e o corpo do outro?</p>	<p>conhecer melhor o nosso corpo, nossas dificuldades e limitações e também conviver em grupo, compreender regras e outras coisas. Através do jogo nos aproximamos mais das pessoas e melhoramos nossas relações de amizade.” (Amanda, 3º ano EM)</p> <p>“Sim, nas aulas eu expesso melhor meus sentimentos, melhora meu humor e autoestima e acabo-me relacionando com pessoas que eu nem falo em sala de aula” (Jean, 2º ano EM)</p> <p>“E uma aula mais solta e com isso deixa a gente mais livre para nos relacionar, trocar ideia e com isso acaba unindo mais a turma, permitindo que a gente se integre mais, se respeite e brigue, faça as pazes” (Renan, 2º ano EM)</p> <p>“Não me ajuda em nada, pois não gosto também acabo não precisando muito das pessoas, pois não saio muito de casa.”(Fernando , 3º ano EM)</p>	<p>respondeu positivamente o que, como profissional da área, me deixou bastante feliz. Em alguns momentos sinto uma apatia e um desinteresse tão grande pelas aulas que realmente as respostas aqui me surpreenderam: Os que responderam negativamente foram bastante sucintos em suas respostas, não apresentando argumentação satisfatória, somente uma resposta negativa me chamou atenção. Percebi o quanto este jovem se sente acuado diante da vida. A associação que ele fez com o fato de não gostar das aulas de Educação Física e não precisar das pessoas, aliadas ao pouco sair de casa é revelador. Sem perceber ele mostra claramente a ligação que existe entre corpo e sentimento.</p>
<p>Se você pudesse mudar alguma coisa nas aulas de Educação Física, você mudaria o que?</p>	<p>“Eu faria um ginásio na escola pra gente poder fazer aula mais confortável, sem sol na cabeça e que tivesse pista de skate e ciclovias” (Jonas, 2º ano EM)</p> <p>“Eu gostaria que fossem incluídos nas aulas mais dança mais teatro, num espaço bacana com espelho e tal, sem cobrança de roupa adequada e sem corrida.” (Ana, 3º ano, EM)</p> <p>“Eu queria que tivesse aula todos os dias, mas que as aulas fossem mais dinâmicas, menos repetitivas. Que pudéssemos escolher o que gostaríamos de</p>	<p>Com esta pergunta, abri espaço para desabafos e críticas. Mas, para minha surpresa, o que mais ocorreu foi a solicitação de maiores e melhores espaços para as aulas. Percebi, que assim como eu, os alunos notam a falta de prioridade que as escolas dão aos espaços reservados para área de Educação Física. Penso ser importante revitalizarmos esta discussão tão antiga e ainda tão presente dentro dos espaços escolares.</p>

	fazer sem ter um roteiro estabelecido” (Julia, 3º ano EM)	Juntamente com isso traçar um novo olhar sobre nosso jeito de dar aula, sacudindo nossos ranços dinamizando e promovendo outras formas de trabalhar com o corpo, que sejam mais atrativas pulsantes e de real significância para o aluno.
Você acha que teria diferença na escola se não tivesse aulas de Educação Física?	<p>“A educação física é tão importante quanto as outras matérias acho que seria muito ruim não ter aula. Acho que seria muito triste não ter esporte, isso é que movimentava a escola.”(Amanda , 3º ano EM)</p> <p>“Acho que seria bem chato não ter aula de educação física. É a matéria que faz a gente se relacionar de forma diferente, na rua sem classe nem cadeira e, além disso, trabalha nosso corpo” (Miguel, 2º anoEM)</p> <p>“Não consigo imaginar uma escola sem quadra sem bola sem jogo sem suar sem correr sem brincar. A educação física é uma matéria tri importante sem ela a escola ia ficar sem graça” (Jean, 2º ano EM)</p> <p>“Acho que a matéria é importante, mas não faz falta, não serve muito pra nada, A gente iria se exercitar na academia que é bem melhor” (Michele, 3ºano EM)</p>	<p>São muito interessantes as respostas positivas dos jovens entrevistados, pois percebi que apesar dos problemas existentes e toda mudança nos paradigmas comportamentais, ainda prevalece o gosto pelo esporte pela atividade física e pela mistura boa que acontece nas aulas. Apesar de aparecerem alguma resposta negativa prevaleceu à valorização da disciplina como uma necessidade importante dentro dos espaços escolares. Claro há sempre aqueles que não conseguem entender a disciplina como algo importante para sua formação.</p>

Nesse conjunto de falas pude perceber que apesar de pouco se falar ou contemplar a corporeidade como conteúdo em nossa prática pedagógica, os alunos conseguem fazer esta relação de forma simples e objetiva, mostrando a importância da disciplina na construção de sua identidade.

Diante da intervenção pedagógica que a disciplina e a profissional Educação Física estabelecem com seus alunos, o corpo precisa ser visto como o protagonista em

todas suas formas, inter-relacionando-se com tudo e todos. Como relata Gonçalves (1994):

A Educação Física enquanto disciplina que atua diretamente com esse corpo e tem sua função pedagógica, auxiliar no processo de formação da personalidade dos alunos como meio de “enriquecer e organizar sua vida pessoal”, ou ainda, “A Educação Física trabalha com o movimento corporal”. Ela trabalha, portanto com o homem em sua totalidade. (GONÇALVES, 1994, p. 158 e 145)

Precisamos estar atentos a esta prática, pensando sempre em construirmos uma Educação Física que valorize o ser humano em sua integralidade sem reforçarmos a dicotomia corpo/mente, ainda tão presente nos dias de hoje. Proporcionar aos alunos aulas criativas, pulsantes que consigam atrair os alunos para sua prática, buscando espaços alternativos que substituam aqueles que infelizmente ainda se mostram inexistentes dentro das escolas públicas.

Considerações que finalizam o artigo, mas não a ideia

Apesar de a pesquisa ter sido elaborada num curto período de tempo, pude perceber através dos resultados obtidos o quanto é problemático para o jovem falar de si mesmo, principalmente quando o assunto é o seu corpo, sua identidade, suas relações pessoais. A dificuldade em se perceber enquanto corpo que pensa e age e tem no movimento sua maior expressão, foi revelada em cada resposta truncada dada, tanto nas entrevistas como nas respostas escritas. O quanto para ele é difícil, ou pouco perceptível, se ver no mundo como um ser inteiro, onde corpo e mente pertencem ao mesmo indivíduo e respondem por ele em todos os seus momentos. É muito comum perceber entre eles, a dicotomia corpo e mente, como se as duas coisas fossem dissociadas.

Entender o corpo em sua totalidade é um caminho a percorrer para se chegar à construção de uma corporeidade que possa dar a real consciência do corpo ao sujeito, e assim ele possa usufruir todas as suas potencialidades corporais.

O corpo apresenta-se não somente como natureza, mas também como fenômeno social, cultural, representativo do que somos ou desejamos ser. Esses diversos olhares que hoje recaem sobre o estudo do corpo demonstram isso e, por esse motivo, o seu controle ou a sua subordinação ocorre, desde sempre, por estratégias nem sempre perceptíveis.

Hoje, o que observamos são corpos descobertos pela violação dos direitos, corpos entregues ao conformismo institucionalizado, deixando a impressão que o mesmo é uma roupa que vestimos para interagirmos nesse mundo. Há entre eles uma construção de

corporeidade de forma artificial. O corpo é um exemplo de padronização estruturada onde a valorização se dá através da estética preestabelecida pelo meio.

A partir dessa lógica, os jovens, assim como os demais segmentos da população, vão consumindo tudo o que possa satisfazer seus desejos de ter determinado tipo de corpo. Surge uma crescente preocupação social e individual na procura do corpo idealizado, proliferando práticas esportivas vinculadas a estilos de vida saudável ou mesmo recursos menos naturais, como as cirurgias plásticas e medicamentos para o emagrecimento rápido.

A forma de pensar e agir são determinados pelo envolvimento com seu grupo baseada na construção da subjetividade que é formada pelos seus valores, possibilidades, modelos, ou seja, pelo modo como ele percebe e se relaciona com seu próprio corpo e com o corpo do outro. Buscam, assim, construir uma identidade, trazendo para si esse pertencimento. Embora não tenha essa consciência, é pelo seu corpo que ele existe e se integra no mundo.

Baseada neste contexto penso ser urgente aprofundar a importância do corpo na educação. A instituição escolar tem um importante papel a desenvolver, pois é lá que se manifestam as mais diferentes corporeidades. É lá que os jovens se mostram uns para os outros; é lá que seus corpos são valorizados e, também, estigmatizados. A vivência educacional é uma experiência que se dá através do corpo na sua relação com os demais objetos da educação. Para compreender a essência de sua existência, o ser humano precisa conhecer e conhecer-se.

A escola também contribui para ditar regras sobre esse corpo, interferindo no modo de andar, falar, vestir, alimentar, sentir, bem como na prática das atividades físicas. Precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade e entendermos a necessidade de tematizá-lo nas diferentes práticas educativas, pois “os corpos dos alunos revelam muito mais do que disciplinas, revelam os enigmas de suas existências.” (ARROYO, 2009, pag. 126).

Como foi pelo olhar da Educação Física, que propus trazer esta reflexão, ressalto aqui que, apesar da surpresa que tive quanto à aceitação da disciplina pela maioria dos alunos, o quanto estamos alheios e distantes desta discussão. Precisamos rever conceitos e invertermos a ordem na metodologia de trabalho, reconhecendo-se primeiramente também como corpo, e como tal carregado de simbologias, que trabalha com outros corpos, que também trazem suas próprias representações. Segundo o conceito existencialista, “o único meio que temos de conhecer o corpo é vivenciá-lo. É confundir-se com ele, viver seus dramas e paixões, captar e fluir com ele em sua existência que se levanta diante do mundo” (GALLO, pag. 61 a 68).

A partir dessa ideia, quem sabe, possamos estar contribuindo de fato na formação integral deste jovem para que ele possa entender seu corpo e não simplesmente utilizá-lo como instrumento de suas práticas,

É fundamental estarmos engajados nesta caminhada de descobrimento, buscando práticas que valorizem estas descobertas e desenvolvam a melhora da autoestima e a busca pela própria identidade. Que a visão dualista, que historicamente o delegou a condição de instrumento em relação à mente e/ou alma, seja substituída por outra, fundada pela essência do ser no mundo, apropriado do seu eu, tornando-se ator de sua própria história.

Temos um corpo vivo autêntico carregado de símbolos, capazes de transformar conceitos e interagir de forma propositiva nas relações que se estabelecem na sociedade. Entendê-lo do ponto de vista político, participativo, como parte importante na construção do sujeito social, é fundamental em nossa prática pedagógica.

Penso ser importante tentar conscientizar o jovem aluno, que a busca pela sua corporeidade, passa pelo entendimento de que seu corpo é mais do que a morada da alma, ele é a própria alma. Nele ficará contido todo seu referencial histórico, sua marca no mundo. Esclarecer a diferença entre um corpo saudável e um corpo perfeito, um corpo que pulsa e se manifesta sem medo, sem couraças, sem preconceito é obrigação de todo profissional que acredita no seu fazer pedagógico.

A avaliação que faço aqui deve ser vista como um processo de construção e reconstrução do conhecimento, pautada num meio para se alcançar a mudança de comportamento e não somente a um resultado. Especificamente aqui nesse ensaio, procurei destacar somente o que me propus a pesquisar, ou seja, a corporeidade dos jovens no espaço escolar sob a luz da disciplina que atuo. Quanta dificuldade em seguir somente este pequeno recorte diante de tantas leituras e de tantas informações que busquei e aprendi através deste estudo. Precisei delimitar, na medida do possível, as indagações de acordo com o problema de pesquisa que fiz quando me propus a estudar este tema.

São tantas coisas a falar e a refletir que provavelmente estarei ainda impregnada por estas questões por um bom tempo. O lado bom de tudo isso e poder enxergar a importância do tema na construção da escola que desejo, mas, por outro lado, sei que me causará frustrações por não poder mudar de imediato, tudo aquilo que consegui ver de errado, equivocado na minha conduta enquanto professora. Perceber que a escola, de um modo geral é corresponsável por esta construção de corpo ainda tão marcado e impregnado de preconceitos e tão subserviente a este sistema arcaico que se estabeleceu na sociedade desde primórdios tempos até os dias de hoje.

A forma de ver o corpo, infelizmente pouco avançou em relação a sua história, mas, felizmente sou lúcida o suficiente para entender que as mudanças só acontecem na

medida em que conseguimos perceber-las dentro de nós mesmos. Boaventura de Sousa Santos (2006, p. 93) destaca que “todo conhecimento é autoconhecimento”, por isso, ao finalizar esta pesquisa posso afirmar que a partir da mesma, algo vivo pulsou dentro de mim e sacudiu a poeira que pairava sobre minhas crenças, conceitos e paradigmas. Sou e estou viva, portanto, concordando com a letra da canção do Grupo Teatro Mágico, afirmo com toda certeza: O CORPO PULSA, escuta expulsa, abraça... ”é origem, é passagem”...Sempre e sempre.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas Educacionais e Corporeidade**. (3ª edição). Piracicaba: UNIMEP, 1995.

BAGRICHEVSKI, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (org.). **A saúde em debate na educação física**. V. 3 Ilhéus: Editos, 2007.

BREUNIG, F. F. **Se a educação física é saúde, o que é saúde na educação física?** Uma discussão sobre concepções de saúde a partir do currículo do curso de bacharelado em educação física da ESEF/UFRGS. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação Bacharelado em Educação Física. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**. A história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREITAS, G. G. de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 2. Ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. 96p.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. 197p

GALLO, Silvio **Ético e Cidadania: Caminhos da Filosofia-Grupo de estudos sobre o ensino da filosofia**- Papirus Editora (15 edições).

MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia e Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MITTERAUER, 1986; ZIEHE, 1991 GERTH, H.; MILLS, W. C. **Caráter e estrutura social: a psicologia das instituições sociais**. Traduzido por Zwinglio Dias. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1973. 508p.

PORPINO, K. O. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal/RN: 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, Unijuí, 1987. 125p.

SILVA, A. M., **Corpo, ciência e mercado**. Campinas: Autores Associados, 2001. 122

.